

## **ASPECTOS TEMÁTICOS DA LITERATURA INFANTIL NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

**PEREIRA**, Michelline Farias;  
**SANTOS**, Maria Edisângela Almeida;  
**SILVA**, Gizelma Leandro da

**SILVA**, Mary Jane Dias da (ORIENTADORA)

Graduada em letras português (UFS), mestrado em educação na área de ensino de língua e leitura, especialização em produção de texto e leitura pela PUC-MG.

Professora do Curso de Letras-Português do curso da Universidade Tiradentes – UNIT e da Rede Municipal de Ensino de Aracaju.

[mariba@superig.com.br](mailto:mariba@superig.com.br)

### **RESUMO**

A literatura “infantil” tem a mesma origem que a literatura “para adultos”; são os mitos, as sagas e lendas as primeiras manifestações humanas que servirão de fonte para o que posteriormente a cultura escrita chamará de literatura. Ao longo da história, a produção literária voltada para a criança e o jovem leitor filia-se à transmissão de valores morais e éticos. Nas sociedades modernas a escola passou a exercer esse papel, especialmente no que diz respeito à transmissão de valores culturais e estéticos. Cabe, portanto à escola reconhecer seu papel formador, buscando novas formas de aguçar nos alunos o gosto pela leitura, respeitando suas necessidades e características próprias. Por isso, é necessário preservar as relações existentes entre literatura e escola porque ambas compartilham um aspecto em comum que é a natureza formativa ambas estão voltadas à formação do indivíduo. Mas o que acontece é que as atividades de leitura propostas aos alunos recorrem à práticas que não exploram os aspectos mais importante da experiência com a leitura: a experiência estética. Por outro lado, falta muitas vezes ao professor o conhecimento de textos diversificados que explorem essa dimensão sem deixar de lado o tratamento de temas mais modernos que sejam do interesse do pequeno leitor.

No Brasil, a produção literária para o público infantil e juvenil foi marcada pelo pedagogismo. Uma literatura comprometida com a veiculação de valores morais, que distancia o leitor da experiência lúdica, imagética e estética que a linguagem pode propor. No entanto, há obras que constituem exceções no mercado editorial. A produção de Lygia Bojunga Nunes apresentada neste artigo, ilustrar o caso de uma literatura alternativa destinada ao público jovem. O trabalho da autora traz uma proposta mais condizente com a literatura contemporânea que ao invés de propagar

uma pedagogia moralizadora busca estimular a criatividade, difundir novos valores como a solidariedade, a amizade e o respeito a si mesmo e aos outros.

Apesar de tratar de temáticas mais ao gosto do adulto como, por exemplo, a exploração do trabalho, as desigualdades sociais, a censura, a autora oferece uma clara visão dos comportamentos sociais utilizando uma escrita que pretende corroer e destruir normas sócio-culturalmente aceitas, valendo-se de recursos que só o casamento entre linguagem e imaginação é capaz de realizar.

Palavras-chaves: literatura infantil, leitor, temáticas, fantasia, papel da escola.

**Introdução** - A literatura infantil tem origem nas primeiras manifestações de expressão humana como os mitos, as sagas e lendas. Na Antiguidade, o pensamento mítico é a primeira experiência humana que busca a explicação da realidade e das relações humanas através do pensamento mágico, do sensível. Essa literatura embasada no mito acabou transformando-se em literatura infantil com intensa capacidade de atrair as crianças para leitura, porém quando o mito passa a não dar mais conta da explicação da realidade, o homem começa a avançar no conhecimento científico ou lógico, passando a construir diferentes modos de representar a realidade.

Ao longo da história da produção literária voltada para a criança e para o jovem leitor percebe-se uma filiação a uma tradição pedagógica, tornando a literatura para este público um veículo ideal para a encucação de valores morais. Por outro lado muitos escritores direcionavam olhares para a utilização da leitura como forma de desenvolver na criança e no adolescente diferentes competências, propiciando seu envolvimento com o meio que o cerca, ou seja, as produções voltadas para esse público representa diferentes formas de compreender o mundo e a realidade da criança e do jovem leitor com o mundo.

Como uma linguagem específica que expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo., (...) Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...). (COELHO, 2000, p.28).

Isso implica dizer que a literatura, desde as suas origens, aparece ligada convencionalmente à função essencial de atuar sobre as mentes e proporcionar ao homem a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria existência. Mas, o contrário também é verdadeiro. Devido a algumas obras literárias que serviram difundir o discurso pedagógico, a transmissão de valores morais e éticos ou reitera padrões sociais, os textos literários voltados para a criança e o adolescente passaram a possuir essa grande teor moral que sugerem comportamentos e formas de pensar, condizentes com os valores pregados pela ideologia dominante.

É no século XIX que surgem as primeiras publicações para a infância no Brasil, até então precária, limitando-se apenas às edições portuguesas. A sociedade brasileira, antes predominantemente rural, passa à condição de sociedade urbana. Com isso a escola, instituição de propagação do conhecimento, se fortalece como instituição tornando-se um elemento eficiente no

processo de consolidação da classe burguesa e conseqüentemente dos seus valores ideais. Por isso, os primeiros livros destinados aos pequenos leitores são marcados pelo apelo didático moralizante, e com a veiculação destes livros através da escola, busca-se cumprir as experiências da sociedade em relação à formação dos leitores infantis.

As relações existentes entre literatura e escola são evidentes, porque ambas compartilham um aspecto em comum que é a natureza formativa; ambas estão voltadas à formação do indivíduo. Cabe, portanto, a escola reconhecer seu papel, explorando os livros dedicados à criança, buscando novas formas de aguçar nos alunos o gosto pela leitura, respeitando suas necessidades e características próprias. Vale salientar que o papel da escola é de suma importância para o desempenho da leitura dos alunos, por isso não devem ser selecionados livros de literatura infantil de função pedagógica, mas sim livros que estimulem a leitura do aluno, como por exemplo, os de Lygia Bojunga Nunes.

Porém, o que acontece é que os exercícios propostos aos alunos sobre textos de literatura não exploram a sua essencialidade, a percepção de sua literariedade, dos recursos de expressão do uso estético da linguagem, ou seja, não exploram aspectos mais importantes como a experiência estética. Esses exercícios pouco significam, pois não contribui para a formação de leitores nem tão pouco para uma leitura mais crítica.

Infelizmente, não se pode negar que os livros de literatura infantil no Brasil se ressentem de características que já não condizem com a expectativa do leitor moderno : é moralizadora e infantilista. Isso gera na criança um desinteresse com relação à leitura de obras de literatura porque elas acabam podando aquilo que o pequeno leitor tem de mais precioso: a liberdade seja ela de pensamentos ou de atitudes. No entanto, há exceções, como é o caso ilustrado neste trabalho: a produção de Lygia Bojunga Nunes. A literatura reflexiva e ao mesmo tempo ao gosto da linguagem e do mundo infantil não é comprometida pela linguagem dificultosa, nem pelo óbvio, mas sim por uma linguagem leve e rica em imagens. É isso que leva o leitor a adquirir uma postura e um pensamento crítico com relação aos comportamentos sociais propostos como temas. Para a autora não há fronteiras entre a fantasia e a realidade, ora a personagem vive o real, ora mergulha na fantasia.

A autora utiliza artifícios advindos da fantasia para promover escapismos amenizando problemáticas sociais, existenciais e amorosas, propiciando o alívio dos sofrimentos vivenciados

pelas personagens. Neste mundo de fantasia que Bojunga apresenta ao público infante juvenil tudo pode acontecer, pois o limite é a imaginação.

Em sua obra, está sempre presente a transgressão, que se refere à busca do novo e a contestação dos valores que são passados. Tudo em sua obra é feito à base de reflexão, levando o leitor a pensar, questionar, refletir comportamentos até então despercebidos, propondo sempre uma reflexão crítica. Com isso, o leitor é instigado a ler com mais atenção, pois cada frase tem uma mensagem subjacente, além de metáforas ou imagens que a autora utiliza para contestar algumas situações ou comportamentos da sociedade.

Apesar de tratar de temáticas mais ao gosto do adulto como, por exemplo, a exploração do trabalho, as desigualdades sociais, a censura, a influência da tecnologia nas ações humanas a autora oferece uma clara visão dos comportamentos sociais utilizando uma escrita que pretende corroer e destruir as normas sócio-culturalmente aceitas.

A obra de Bojunga apresenta uma proposta mais condizente com a literatura contemporânea que ao invés de propagar uma pedagogia moralizadora busca estimular a criatividade, difundir novos valores como a solidariedade, a amizade e o respeito a si mesmo e aos outros.

#### **ASPECTOS TEMÁTICOS DA LITERATURA INFANTIL NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

Desde o início da história da literatura infantil, os livros dedicados destinados à criança eram produzidos com a função educativa e pedagógica. No Brasil, não poderia ser diferente, pois as obras possuíam um discurso pedagógico com produções portuguesas adaptadas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Alguns autores da literatura infantil relutam em dizer que escrevem suas obras para crianças, outros dizem que ao conceber a obra já imaginavam para criança ou não, ou seja, fazem literatura para criança e adulto. Diante disso pode-se chegar a uma conclusão que os livros produzidos pelos autores eram direcionados para os adultos que podiam ser lidos por crianças. Pode-se concluir disso que não havia uma preocupação com o universo infantil ou como a criança vivenciava as suas experiências.

Os livros destinados ao pequeno leitor trazem muito de uma literatura de origem como os gêneros literários – mito, fábula, lenda, etc. Em seus primórdios, a literatura mais especificamente o mito surgiu para explicar os fenômenos, que o homem não sabia explicar, daí o surgimento das histórias do mito. Foi através do mito que surgiu as formas de contar história, por isso o mito foi essencial para o desenvolvimento da literatura.

O mito a sua origem é tão antiga quanto o próprio homem, e nos falamos de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações em que o sobrenatural domina. Os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais: a genealogia dos deuses, a criação do mundo e do homem, a explicação mágica das forças da natureza, etc. (Coelho, 2003, p.168-169).

Os mitos são narrativas tão antigas quanto o próprio homem, como os povos da antiguidade não conseguiam explicar os fenômenos da natureza, através de explicações científicas, estas por sua vez, eram desconhecidas porque o mito enquadra-se no estágio simbólico onde o sensível é que domina, criavam mitos para dar sentido as coisas que desconheciam.

Além disso, o mito servia como uma forma de passar conhecimentos e alertar as pessoas sobre os perigos ou defeitos do ser humano, ajudando a resolver os questionamentos a respeito da própria existência humana o que propiciou o surgimento do pensamento religioso.

Para o homem moderno, a interpretação de tais mitos resultou, inicialmente, de uma necessidade científica, porque neles está à raiz de cada cultura e até de cada história particular. Daí a importância cada vez maior a literatura arcaica está assumindo em nossa época, com suas lendas, contos, fábulas, etc. (Coelho, 2003, p. 170)

Já as fábulas são formas narrativas de natureza simbólica que fala de uma situação vivida por animais mas que alude a uma experiência humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. No mundo da literatura, os animais continuam sendo uma fonte de sugestões para a invenção de histórias atraentes para crianças e adultos. A presença dos animais nas fábulas deve-se, sobretudo, ao convívio mais efetivo entre homens e animais naquela época. Seu surgimento ocorreu no Oriente, reinventada no Ocidente pelo Grego Esopo no séc. V a.C e mais tarde foi melhorada pelo escravo romano Fedro. Entretanto, somente no século X, começaram a ser conhecidas as fábulas latinas de Fedro. Já os contos resultam de criação espontânea se caracterizam por serem narrativas simples,

diferente dos romances medievais ou das novelas de cavalaria, que apresentam uma forma ainda rudimentar, mas artisticamente elaborada.

A partir desse elementos é possível compreender porque essa literatura arcaica acabou se transformando em literatura infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças. Coelho (2003, p. 54) lembra que La Fontaine no prefácio da coletânea de 1668, se refere a sua produção literária como apólogo dividindo-o em duas partes o corpo do texto seria a fábula e a alma se resumiria em moralidade.

Por aí se vê que La Fontaine dava o nome de “apólogo” á espécie de sua matéria literária; de “fábula” à história ali narrada ( tal como o fazem hoje os formalistas russos) e de “moralidade” ao significado simbólico da história. Mas por tradição rotula tudo como fábulas. (Coelho, 2003, p. 165).

A lenda, outro gênero muito presente na literatura pra infância é tirada da tradição ou relatos de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. São histórias contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos, que misturam fatos reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia, procurando explicar os acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais.

A autora (idem. p.24)acredita que muitas histórias infantis representam um sistema social onde o ter sobrepõe o ser e ao fazer. Nessa fase, a literatura, especialmente as fábulas e os contos, passam uma mensagem que valoriza aqueles que ascendem socialmente através do estudo, e ao mesmo tempo dita às massas que o trabalho dignifica o homem, como consolo às classes menos favorecidas.

O conto tem raízes em narrativas orientais, difundidas pelos árabes, e cujo modelo mais completo e núcleo das aventuras é sempre de natureza material/social/sensorial – e o seu objetivo principal é à busca de riquezas, a satisfação do corpo, a conquista de poder, (idem, p. 172)

Um dos temas da literatura tradicional é o individualismo, valor adquirido pela sociedade burguesa, sendo que tudo parte do individual que é a base maior. Embora idéias generosas visassem o benefício da coletividade, na prática o individualismo era a base do sistema e acabou por se transformar no poder absoluto.

Esse valor pregado pela ideologia burguesa (individualismo) é incutido no leitor que passa a adotar esse tipo de literatura, através de valores e padrões de conduta que são absorvidas por diversos meios de comunicação. Basta lembrar dos grandes heróis aventureiros, corajosos invencíveis que na atualidade estão nos filmes ou em histórias em quadrinhos, tais como, o homem-aranha e o super-man.

Numa nova literatura, o herói individual deixa espaço para a “patota”, para o grupo de meninos e meninas, que não são mais dotados de poderes, mas, são questionadores e críticos do mundo adulto do qual fazem parte. O questionamento da autoridade vem libertar o sujeito de valores e padrões que o podam e limitam. Há um confronto entre as novas “verdades”, realidades e interpretações de mundo.

Como, antes de se tornar leitora, a criança é ouvinte das histórias o que lhe dá possibilidade de passar pelo primeiro degrau para o mundo dos letrados. Ela está exposta ao mundo e convive com falantes ao redor e com eles aprende a se expressar e a dialogar sem necessitar de um dialeto especial.

A literatura infantil explora a língua escrita e por isso depende da capacidade da leitura das crianças, isto é, supõe terem passado pela orientação dos professores. Estes devem estar preparados, como por exemplo, no caso do professor de literatura, ele deve conhecer os diversos autores e obras, mesmo que ele não goste da produção literária de um autor ou outro, mas deve conhecê-los porque na escola é ele quem passa o conteúdo. Segundo Lajolo (2004, p. 22), (...) “pode gostar ou não de Camões nem de Machado de Assis, mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los”.

Para esse contato ser significativo é necessário que a criança esteja habilitada, ou seja, dominando a leitura, para que assim promova o consumo de obras impressas. Dessa forma, segundo Zilberman (1998, p. 36) é acionada um circuito que coloca a literatura de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos, e, de outro, cabe a escola promover e estimular como condição de viabilizar circulação.

No entanto a aquisição da cultura e dos valores proposta promoverá um longo caminho:

Os valores que se podem adquirir através dos livros e da literatura só serão acessíveis, é claro a quem tiver dominado as



habilidades técnicas da leitura e possuir capacidade intelectual para ler. (BAMBERGER, Richard, 2002, p.14)

O livro literário não se coloca num templo, acima e além do leitor, como objeto intocável, sagrado e detentor de uma verdade acabada e inquestionável, que se constrói por si mesma. Como pregam os livros que possuem uma excessiva função pedagógica. O livro de literatura infantil precisa abrir mão de seu caráter pedagógico em favor da representação de novas possibilidades de vida, através de jogos criativos de linguagem.

A adequação do texto ao leitor não significa a minoração do gênero, mas sim de uma forma que propicie um melhor entendimento, utilizando uma linguagem de fácil compreensão para assim promover o entendimento de forma cabal. Então a literatura infantil é aquela que a criança não apenas lê, mas interage com uma situação que é cultural.

Como ouvir é mais fácil do que ler e como o leitor ajuda a tornar compreensíveis o significado e o caráter do texto com a voz e a expressão facial, até os que não gostam de ler se sentiram encantados (BAMBERGER, Richard, 2002, p. 79).

O convívio com essa literatura (infantil) propicia a vivência de sentimentos e reações em que o leitor envolve ao aceitar o pacto de faz-de-conta com o narrador e com o universo por ele proposto. Como o comportamento infantil é bastante imitativo, o mundo delineado na literatura é exemplar para a criança. Na realidade ali representada para um mundo aberto ao desafio e para compreensão do afeto, importa apresentar situações repetitivas, mas criativas.

Hoje, entende-se a literatura infantil como algo que deve contribuir para a formação da criança e jovem, proporcionando a eles aproveitamento desse momento mágico. Cabe ao professor e aos profissionais da educação selecionar e apresentar às crianças e jovens, uma literatura que propiciem questionamentos e que ligue o real da criança a um universo maior. Se isso ocorrer, a criança e o jovem terão a literatura como um caminho para a descoberta de um novo mundo, que lhe abrirá portas para a construção de uma mentalidade consciente e condizente com o seu tempo.

Porém, a literatura infantil, desde os primórdios de sua história, era utilizada como uma forma de educação, preparação para a vida, explorando com isso apenas sua função pragmática, o que fez com que ela fosse esquecida como arte, trazendo como consequência para o pequeno leitor a aversão à leitura e à literatura.

Vale salientar que quando se fala de literatura infantil fala-se de literatura, que por sua vez, é arte, um fenômeno de expressão com uma linguagem específica que expressa no autor uma experiência e provoca outra no leitor. Além disso, a literatura infantil tem a finalidade de atingir a criança, seduzi-la, conquista-la. Mas, infelizmente, o que acontece com a grande maioria dos livros dedicados à criança é que acabam afastando-a do mundo da arte.

Isso acontece porque o que é apresentado à criança não é o elemento que mais vincula o homem a essa forma de arte (linguagem, fantasia, poder de imaginação, recursos sonoros), mas sim o seu fundo moral, uma lição dada com função educativa. Cunha é bastante crítico com relação a essa pretensa “literatura infantil”:

Muitas obras feitas para crianças e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesses casos temos apenas uma pretensa literatura infantil. (CUNHA, 1999, p.26).

Para o autor se o escritor for realmente artista ele abrirá horizontes, proporá reflexão e recriação, estabelecendo divergência e não convergência. Porém, o que acontece com os livros de literatura infantil é a preocupação com um ensinamento (propagação dos valores vigentes) com um tom moralizador, o que acaba afugentando o pequeno leitor.

Apesar da clareza da importância da arte literária na vida da criança, infelizmente, não se pode negar que os livros de literatura infantis produzidos no Brasil se ressentem da excessiva função pedagógica, gerando na criança um desinteresse com relação à leitura de obras literárias. Isso ocorre porque essas obras acabam, na verdade, é podando aquilo que o pequeno leitor tem de mais precioso: a liberdade, não só com relação ao comportamento social, mas também a liberdade de imaginação de poder recriar uma determinada situação sem temer algum tipo de repreensão. Lima refletindo sobre esse prejuízo afirma que:

Se ela (criança) percebe desde logo que a leitura é apenas uma forma de educação e, portanto, mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação. (LIMA, Alceu Amoroso apud. CUNHA, 1999, p. 73).

É neste aspecto que a produção da escritora Lygia Bojunga Nunes distingui-se dos demais autores, pois em sua obra há sempre um grito de liberdade, de revolta contra as injustiças sociais, utilizando uma linguagem simples e cheia de humor, a autora abala pensamentos, valores vigentes, mas, no entanto, sem dar sermões. Tudo isso a autora faz utilizando-se de um realismo mágico e perspicácia psicológica, pois o leitor imerge no mundo psicológico das personagens, os quais encontram a superação dos obstáculos através do seu mundo psicológico, da fantasia.

A obra da escritora Lygia Bojunga Nunes, traz uma proposta mais condizente com a literatura contemporânea que segundo Coelho (COELHO, 2000, p. 48), está “... longe de pretender a exemplaridade ou a transmissão de valores já definidos ou sistematizados, busca estimular a criatividade, a descoberta ou a conquista de novos valores em gestação”. A autora em sua obra demonstra uma paixão pelo social e pela democracia, e quando o leitor efetua uma leitura ele absorve alguma informação que acrescente ou abale a sua consciência de mundo.

Toda leitura que conscientemente ou inconscientemente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência de mundo no espírito do leitor. (COELHO, 2000, p. 50).

A autora constrói narrativas vinculadas à realidade da criança. Nelas, os temas são vivenciados por todos, sem deixar de lado sua função lúdica. A partir do tema principal, a infância, Lygia oferece à criança, ao leitor, uma clara visão dos comportamentos sociais. Em sua obra há sempre a busca do novo e a contestação dos valores impostos. A autora abusa de uma linguagem rica em metáforas para contestar um determinado momento histórico e seus valores. Com isso ela produz uma escrita social que pretende corroer e destruir as convenções, as normas sócio-culturalmente aceitas.

Em *Os colegas* (NUNES, Lygia Bojunga, 1972) as personagens que são animais são isoladas e socialmente marginalizadas, unem-se para enfrentar as dificuldades de cada um e a hostilidade do meio. O tema principal desta obra é a valorização do trabalho como meio de realização do homem, a valorização do indivíduo como parte integrante de um todo. Os protagonistas ocupam atividades marginais artísticas e encontram sua realização individual no trabalho coletivo.

É importante destacar que a literatura infantil de qualidade, sob o aspecto de brincadeira, ficção atua de maneira simbólica nas experiências mais difíceis vivenciadas pelos pequenos,

ajudando a resolver suas indagações íntimas e, dessa forma inserindo-os melhor no mundo. Isso acontece porque a leitura não é um ato solitário, mas uma interação verbal entre indivíduos (autor, leitor) socialmente determinados. Logo quando se faz uma leitura como experiência se absorve alguma informação nova, algo desconhecido ou acrescentado.

Na obra em questão (Os Colegas) a narrativa inicia com dois cachorros (vira-lata) que se tornam colegas pela sua condição de cachorros sem dono e sem raça e por gostarem também de samba. Quando aparece Flor-de-liz, uma cachorrinha de rico, que por não suportar mais todos aqueles acessórios como pulseira, botas e até perfume, foge por não conseguir se adaptar ao meio. Por ser uma cachorrinha “grã-fina” ela começou a se questionar, querendo saber se estava ficando doida ou não. Pra quê cachorro usar aquelas coisas. Essa reflexão propiciada pela personagem atinge também o leitor, deixando transparecer que aquele comportamento é realmente de humanos e não de animais, lembrando uma fábula moderna na qual não existe uma lição de moral que valorize os ideais da classe dominante num mundo capitalista, pelo contrário, nesta obra a união, a amizade é maior do que as normas, a competitividade do capitalismo.

Quando, por exemplo, Flor-de-liz relata sua história questionando as atitudes de sua dona que vivia enchendo-a de perfume, roupas, pulseiras, capa de borracha e até chapéu na cabeça:

- Eu morria de vergonha de sair na rua assim - Puxa isso não é jeito de cachorro andar. - Puxa vida, cachorro precisa correr. Isso não é vida. (NUNES, Lygia B., Os colegas, 1972, p.13.)

As personagens desta obra são três cachorros, um urso e um coelho. Este foi abandonado pelos pais, depois pelos tios, acarretando um trauma em sua vida que levou o seu sorriso dos lábios, impedindo-lhe de dar um riso. Os cinco amigos reúnem-se num terreno baldio, ratificando a situação de marginalizados e deslocados no meio social. A mensagem transmitida nesta obra consiste em aprender a amizade, a união para vencer as dificuldades impostas pela vida. Essa harmonia do grupo torna-se mais nítida no carnaval, que por alguns instantes liga a todos sem distinção, numa comunidade homogênea, tendo como único objetivo à diversão.

No decorrer da leitura o leitor percebe que aquela harmonia criada na festa, no carnaval era uma falsa impressão de que a sociedade não tem excluído. É quando os dois cachorros vira-latas são pegos pela carrocinha. O coelho Cara-de-pau para salvar seus amigos precisava vencer seus medos interiores durante a noite, era necessário esse enfrentamento para que ele conseguisse vencer seus temores e superar os empecilhos que o incomodavam:

O coelho ficou sozinho no terreno baldio e já era noite:

-Ih! – pensou – não vai ser brincadeira ficar aqui sozinho com ela até amanhã. Ficaram assim um tempo enorme a noite tentando assustar Cara-de-pau e ele resistindo. Até que ela cansou. Troço bacana que é vencer do medo. (NUNES, Lygia B., 1972, p.57,58)

Com o raiar do novo dia, ou seja, a superação dos obstáculos a personagem percebe que também está pronto para transformar as situações angustiantes presentes em sua vida e, vai em busca de solução para salvar os amigos. A mensagem aqui transmitida para o leitor é de que não há um fim definitivo e que as situações podem ser transformadas na perspectiva de um final positivo.

Com a superação dos obstáculos os amigos reúnem-se, decidindo viverem não mais na exclusão e começam a trabalhar no circo, conseguindo a integração no meio social. Com isso, pode-se perceber que assim como a fábula, na qual as personagens são animais e vivem o exemplo do homem, os entes humildes e fracos devem defender-se dos fortes, dominadores, no caso, seria a imposição do trabalho como forma de aceitação no meio social.

Quando os cinco acabaram de apresentar o numero, o circo quase que veio abaixo com tanta palma e pedido de bis. (NUNES, Lygia B., 1972 p.91)

Esta apresentação culminou com as palmas, gesto de aceitação e inclusão, trazendo para as personagens uma satisfação e realização fazendo-os dormir. Só faltava o sorriso de “Cara-de-pau” para a felicidade ser completa:

E como estava tudo escuro e ninguém ia ver, ele tomou coragem e experimentou (só pra ver se acertava): deu um sorriso desse tamanho! (NUNES, Lygia B. , 1972, p. 92)

A proposta de leitura desta obra é o crescimento, a superação, a felicidade, dando possibilidade do pequeno leitor, após a leitura desta obra, de sentir, mesmo que de forma simbólica, que é capaz de vencer seus medos interiores e superar as dificuldades sociais a que estão sujeitos. O texto propicia a reflexão, questionando sobre o meio em que vive, deixando-o livre para que tire suas próprias conclusões.

O tema da exploração do trabalho é retomado em *A casa da madrinha* (NUNES, Lygia Bojunga, 1978) onde a divisão de classes aparece em toda sua crueza, sem animismo. Bojunga utiliza-se de um tom melancólico (devido à perda que pode ocorrer, porque a personagem Alexandre sofre duas perdas a viagem de seu irmão Augusto a demissão de sua professora e isso pode acontecer com qualquer um); sonhador (porque após a leitura o leitor sai com a idéia de que viver de fato é simples, se despida das imposições sociais); e crítico (porque a autora faz uma crítica aos modelos de escolas tradicionais, que não aceitam a criatividade do professor.). Nesta obra, a autora abusa da fantasia e da imaginação que ajudam a superar as condições impostas pela sociedade, levando o leitor a uma intensa participação na interpretação e na busca de elementos que reflita em sua própria existência tudo numa linguagem deliciosamente coloquial, autêntica.

A autora abusa do imaginário e permite a transposição do real para o sonho, encontrando recursos palpáveis na narrativa, começo e fim, encanto e desencanto, como propõe a personagem Vera (que tem família bem estabelecida, dona de propriedades, freqüenta a escola) aflita pedindo a Alexandre (família desestruturada, pai alcoólatra, pobre) que fizesse alguma coisa que o cavalo que os transportava para a casa da madrinha estava “desinventando”.

A personagem Vera orientada pelos pais pede para Alexandre ir embora da sua propriedade. O menino resolve ir embora de uma vez, mas ao invés de partir ele propõe a menina andar a cavalo e acabam inventando-o, deram um nome para ele: Ah.

- Vamos andara a cavalo? - Onde é que tem cavalo? - A gente inventa um. -Então ta. Como é que ele vai ser?  
.....

- Vera! Você ta sentindo o que eu to sentindo? - O Ah está sumindo. - Agarra ele Alexandre. - Faz qualquer coisa. - Não dá o Ah tá desinventando. (BOJUNGA, Lygia Nunes. *A casa da madrinha*. Ano ..... p.76,78)

Este livro é de um fascínio sem igual onde todo o tempo a imaginação domina, como por exemplo, a passagem citada anteriormente, e o leitor se envolve nesse mundo imaginário, sentindo um prazer em desfrutar de um bem tão precioso, mas esquecido no nosso mundo materialista. É importante destacar que nesta obra a autora deixa claro a divisão de classes (Vera, que pertence a classe alta porque possui propriedades x Alexandre, que pertence a classe baixa, portanto pobre) fazendo críticas severas a mesma. A personagem Alexandre pobre possui o poder de imaginação,

que não está preso à convenções, ao contrário da personagem Vera que sente dificuldade em deixar a fantasia aflorar em sua mente, pois já foi corrompida pela sociedade, já estava na “escola”. Há nesta obra uma denúncia sutil, mas clara com relação ao papel da escola que ao invés de formar acaba deformando a mente das pessoas.

O olhar da autora respeita o universo adolescente. Não mente, muito menos se acomoda à realidade dos fatos. A idéia das perdas seja ela material ou não, é bastante presente nesta obra, o que toca de forma realista num público, que se encontra em fase de transição. Esse aspecto é o que torna o livro um pouco melancólico e até doloroso. A personagem Alexandre apesar da vida dura, tinha a escola e um irmão que era como um pai. Ele perdeu ambos. O irmão, porque casou e foi embora; a escola, porque a professora tinha uma maleta cheia de surpresa, dava aula com um conteúdo mais lúdico condizente com o universo psicológico e prático, mais próximo dos seus alunos. Mas, infelizmente, não havia espaço para uma aula criativa e dinâmica, dentro de uma instituição tão tradicional. A perda da maleta da professora demonstra de forma clara a censura a que ela foi submetida.

O máximo de opressão segundo Bojunga é aquela que procura atingir a liberdade de pensamento. É o que acontece como a personagem Pavão (na mesma obra) que por ter vários donos que queriam lucrar com o animal, acaba indo para a escola para ser educado para a sociedade.

O Pavão estava na sala de espera, e com aquela gritaria ficou sabendo de tudo (é claro que já tinha se livrado da cera). Caiu na maior fossa quando viu que só ia poder pensar o que os outros queriam. (BOJUNGA, ano 1986, p. 26)

O humor está também presente nesta obra que consegue arrancar risos daqueles que a lêem, serve não só de entretenimento, mas também como o “despertar” do olhar crítico. Para Palo Rosa; Oliveira; 2003,p.55 “ o riso é uma forma popular de subverter padrões’.

Com isso Bojunga confirma o grau qualitativo de sua obra porque na literatura o imaginário é utilizado sem limites, transpondo regras, através desse uso cria-se à possibilidade de encontrar a transgressão, tão explorada em sua obra.

O que acontece é que a criança está sempre voltada para o seu mundo interior, em sua consciência não se caracteriza pela realidade dos fatos, ou seja, aquilo que está fora dela, exterior, mas pelo que ela imagina, seu mundo interior. É justamente neste ponto que Bojunga atinge o leitor,

levando-o a uma intensa participação na interpretação e na busca de elementos que reflita em sua própria existência; tudo numa linguagem de fácil entendimento. Para isso os autores (idem. P51) chamam atenção para o fato de “Escrever como se fala; eis aí a tarefa a que se coloca o narrador do texto literário infantil para captar o repertório do seu público numa comunicação direta e envolvente.”

Envolvente porque ao possuir várias vozes narrativas (Alexandre, Pavão, Vera, Augusto) o leitor se deixa envolver com o texto, deixando aflorar uma constante que é a proliferação criadora em um diálogo constante com o leitor, que por saber ampliar esse sentido de página em página vai construindo a seqüência da narrativa em sua imaginação.

A criança ao se deparar com o texto o transforma num intermediário entre o sujeito (no caso a criança) e o mundo.

Embora a obra escrita, de um lado, signifique a possibilidade de o individuo se integrar ao meio e melhor compreende-lo, de outro, ela estimula a renuncia ao material e concreto, denegrindo as qualidades desse, ao negar-lhe os atributos de plenitude e totalidade. (ZILBERMAN, 1988, P.18).

Em *O sofá estampado* (NUNES, Lygia Bojunga, 1980) a autora faz uma crítica à sociedade contemporânea, quando tematiza a influência da tecnologia nas ações humanas e denuncia o estado de robotização causado pela televisão. Cunha (CUNHA, 1999, p. 47) alerta que essas formas de lazer, como a propiciada por esse meio de comunicação propiciam repouso e alienação (daí a massificação) ao contrario da leitura, também uma forma de lazer, que exige um grau maior de atenção e consciência e uma participação efetiva por parte do leitor.

As aflições das personagens são superadas por meio da imaginação, como por exemplo, o tatu Victor fica nervoso cava o sofá e imerge no seu mundo interior.

Enquanto a Dalva permanecia inerte diante da televisão o tatu ficava nervoso por não conseguir a atenção da gata e cavava o sofá. E quando a dona do sofá viu aquele buraco no seu sofá gritou:

- Ai meu sofá. - Olha, Dalva, olha. - A Dalva olhou bem depressa estava vendo novela.

.....



- Como é que você deixou ele cavar o sofá assim?

.....

- Bateu nervoso ele cava. - Nervoso por quê? - Sei lá.

Neste momento, o leitor ao ler o texto percebe a mensagem subjacente, absorvendo a mensagem de forma ativa e dinâmica, aguçando seu olhar crítico, suas reflexões, isso porque o leitor acaba se questionando sobre o que é mais importante uma televisão ou um ser; no caso o tatu. Essa passagem serve de alerta de como esse meio de comunicação pode atrapalhar a vida das pessoas, trazendo como consequência o distanciamento entre pessoas queridas, propiciando o individualismo. Zilbemann (1998, p. 23) lembra que “A maior carência (da criança) é o conhecimento de si mesma e do ambiente no qual vive, que é primordialmente o da família, depois o espaço circundante e, por fim, a história e a vida social”.

Vale salientar que a autora entra sem medo no domínio dos adultos (apesar de se dirigir às crianças) como no seu livro *Tchau* que é composto de quatro contos (narrativa breve que conta um acontecimento perto do fim.) “Tchau” e o “Bife e a pipoca” contos de cunho mais realista e “Lá no mar” e “A troca e a tarefa” em que o fantástico prepondera, Bojunga aborda a questão da infidelidade, conflitos matrimoniais e divórcio do ponto de vista impotente, mas esperançoso da criança. Bojunga entra sem medo no domínio dos adultos, na sua escolha de justificativas encostando-se com todo o direito a sua enorme capacidade de concretizar e personificar as sombras interiores em histórias fáceis de entender.

Com isso Bojunga constrói uma narrativa repleta de fantasia, tendo como base elementos tirados do real, para discutir os comportamentos sociais que advém da ideologia dominante, porem, sem deixar de lado sua função lúdica, oferecendo à criança uma visão nítida dos comportamentos sociais, propiciando o surgimento de novos conceitos.

O livro infantil se tornou uma leitura que mais do que simples divertimento, é um fecundo instrumento de formação humana, ética, estética, política etc.... a literatura infantil oferece matéria extremamente fecunda para formar ou transforma as mentes. É um dos mais eficazes instrumentos de formação dos imaturos. (COELHO apud EVANGELISTA, p. 19)

**Considerações Finais** - O contato constante do leitor com a leitura de textos da literatura infantil propiciam a esse leitor o contato com formas e valores de uma cultura que ele vai aprendendo a

lidar. Por isso é de suma importância a seleção de escritores que produzem uma literatura que é realmente arte, que provoca emoções, dá prazer e principalmente modifica a consciência de mundo do leitor. É o que acontece com a obra da escritora Lygia Bojunga Nunes, pois seus textos propiciam a abertura de horizontes instigando a reflexão e principalmente estabelecendo divergência e não convergência, ratificando seu potencial como escritora, caracterizando sua obra como uma obra de qualidade que agrada não só as crianças como também aos adultos.

Vale destacar o papel da escola com relação às obras que são adotadas por ela. Cabendo a essa instituição reconhecer seu papel formador, selecionando livros da literatura que proponham um discurso reflexivo, para que a partir das diversas leituras de textos o leitor possa tirar suas próprias conclusões, ratificando sua posição de ser pensante.

Bojunga respeita essa posição do seu leitor, produzindo uma literatura infantil que é arte e por isso dá possibilidade do leitor de produzir diferentes formas de leitura, propiciando emoções, prazer e dessa forma modificando sua consciência de mundo através de suas próprias reflexões, ratificando sua obra no âmbito da arte.

## **REFERÊNCIAS**

BAMBERGERE, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Série educação em ação. São Paulo Ed.Afiliada, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorâmica histórico da literatura / infantil e juvenil**. São Paulo Ed. Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo.Ed. Ática,1993.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem / obra literária e a expressão lingüística**. São Paulo. Ed. Vozes, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo. Ed. Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**. São Paulo. Ed. Ática, 1999.

EVANGELISTA, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; Machado, Maria Zélia Versiani. **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte. Ed. Autentica, 2001.

KRAMMER, Sonia. **Infância, cultura e educação**. São Paulo. Ed. Autentica, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo. Ed.Ática, 2004.

LOUBET, Maria Seabra. **A estética e a educação permanente**. São Paulo. Ed.UNICAMP, 1993.

NUNES, Lygia Bojunga. **Os colegas**. 27.edição. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1972.

\_\_\_\_\_ **A casa da madrinha**. 8 edição. Rio de Janeiro. Ed. Agir, 1978.

\_\_\_\_\_ **O sofá estampado**. 7 edição. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1980.

\_\_\_\_\_ **Tchau**. 6 edição. Rio de Janeiro. Ed. Agir, 1984.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil**. Voz da criança. São Paulo. Ed. Ática, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo. Ed. Global, 1998.